

RABUNI: PERSISTÊNCIA E DISCIPULADO EM Mc 10, 46-52

Ivanildo Manoel de Arruda Filho¹

Resumo

O relato da cura do cego Bartimeu ocupa um lugar importante no contexto da formação dos discípulos no evangelho de Marcos. O presente estudo visa compreender como o evangelista faz uso deste relato para ajudar seus destinatários a superar alguns desafios enfrentados pela comunidade, na medida em que apresenta o cego como modelo de discípulo. Como percurso metodológico, será apresentado o contexto da obra de Marcos, seguido de uma análise de alguns elementos significativos da narrativa de Mc 10,46-52.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Cura. Caminho. Discipulado.

1 INTRODUÇÃO

Entre os relatos de curas encontrados no evangelho de Marcos, é muito interessante o modo como é apresentada a cura de Bartimeu, em Jericó (Mc 10,46-52). No centro do texto de Marcos, é narrada a caminhada de Jesus para Jerusalém e a formação dos discípulos que acontece nesse caminho. Nessa construção narrativa, o autor destaca três anúncios da Paixão, feitos por Jesus aos discípulos (8,31; 9,30-32; e 10,32-34). A estes três anúncios Marcos contrapõe três atitudes/respostas dos discípulos que demonstram sua dificuldade de compreender o que o Mestre tentava ensinar (8,32; 9,33-34; e 10, 35-37).

Com o milagre da cura de um cego, precedendo a entrada de Jesus em Jerusalém para sofrer a Paixão, Marcos conclui a seção central de seu evangelho (Barbaglio; Fabris; Maggioni, 1990, p. 540). O objetivo deste estudo é perceber como, no contexto do evangelho de Marcos, esta perícopes ilumina a compreensão de que a experiência do discipulado é

¹ Graduado em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: ivanildoarrd@gmail.com

sustentada pela fé em Jesus, que reintegra o fiel no caminho da salvação.

2 O EVANGELHO DE MARCOS

Embora não seja o primeiro escrito do Novo Testamento, o texto de Marcos inaugura o gênero literário² denominado evangelho. Entre os sinóticos, Marcos se destaca por ser o menor, com apenas 16 capítulos, frente aos 24 de Lucas e aos 28 de Mateus, e por ser o primeiro em ordem de composição. Muitos biblistas estão de acordo que Marcos foi quem primeiro teve a ideia de juntar pequenos relatos da vida de Jesus e colocá-los em uma sequência lógica e pedagógica, provavelmente por volta dos anos 70 e 75, em Roma ou na Palestina. Esse esforço, contudo, não é fruto do acaso. A obra de Marcos, como os demais evangelhos, surge em um determinado contexto histórico, como resposta a necessidades concretas de seus destinatários.

Quando o texto de Marcos foi escrito, haviam-se passado mais ou menos 30 anos da morte de Jesus e muita coisa estava diferente da época em que ele estava vivo. As primeiras comunidades cristãs haviam crescido e era comum a chegada de novos adeptos, o que exigia uma revisão contínua na forma de anunciar e viver o evangelho. O ambiente externo era de hostilidade por parte do Império Romano, na pessoa de seu imperador, Nero. A morte de Pedro, Paulo e Tiago, personagens importantes para o cristianismo primitivo, causava medo a muitos, além da crise pela cobrança de pesados impostos e pela destruição do Templo (Oliveira, 2017, p. 176).

Provocado por tais desafios, Marcos tem em mente equacionar o conflito judeus-gentios, ajudando as comunidades cristãs a enfrentarem o trauma da perseguição romana, em relação com a iminente ou já configurada destruição de Jerusalém (Soares; Correia Júnior, 2002, p. 13).

Além disso, internamente as comunidades também enfrentavam

² A esse respeito, Bortolini recorda que evangelho é “um modo de transmitir uma boa notícia” (2003, p.11). Como primeiro a se utilizar deste recurso literário, “Marcos é original e inovador” (Bortolini, 2003, p. 11).

dificuldades. O atraso na parusia, por exemplo, era uma realidade que causava desânimo em muitos e contribuía para que vivessem distantes da proposta de Jesus. Outra dificuldade era a tendência ao triunfalismo, uma vez que já estavam seguindo o Filho de Deus, a cruz e o sofrimento deveriam ser rejeitados (Oliveira, 2017, p. 177). Nesse sentido, pode-se ter em mente que a preocupação do autor é ajudar seus destinatários a compreender que tipo de messianismo Jesus assume. Balancin recorda, inclusive, que Marcos “vai mostrar que a prática de Jesus entra em conflito com aquilo que muitos esperavam de um messias” (Balancin, 2003, p. 13).

Do ponto de vista da teologia da obra de Marcos, a estrutura de seu evangelho pode ser dividida em duas grandes partes, que buscam responder a duas questões fundamentais. A primeira parte (1,1 – 8,26) se ocupa de ajudar a entender quem é Jesus. Por sua vez, a segunda parte (8,27 – 16,8) pretende demonstrar o que significa ser discípulo de Jesus. Segundo Mosconi,

a palavra discípulo aparece 46 vezes e o verbo seguir, 18 vezes. Tanta insistência não é casual, ela nos diz onde bate o coração do texto e quais mensagens ele quer passar” (2006, p. 17).

Precisamente na perspectiva desta segunda parte está o relato da cura de Bartimeu, objeto deste estudo.

3 BARTIMEU, O MENDIGO CEGO

Dentre os relatos de curas encontrados no evangelho de Marcos, chama-nos particular atenção a narrativa da cura de Bartimeu na saída de Jericó (10,46-52). No conjunto da obra marcana, a perícope conclui a grande caminhada de Jesus desde Cesaréia de Filipe até Jerusalém (8,27 – 10,52). Mosconi recorda que “essa caminhada não é somente física, mas uma verdadeira escola de discipulado” (2006, p. 17). No caminho, Jesus vai preparando seus discípulos. Aliás, “para compreender Marcos é preciso ter presente que sua estrutura fundamental é a do caminho” (Konings; Gomes, 2018, p. 9).

No caminho se desenvolve a narrativa da cura de Bartimeu. O cego

“estava sentado à beira do caminho”³ (10,46), conforme precisa o evangelista. Mais que um indicativo geográfico, Marcos aponta para um lugar existencial. O caminho é metáfora da vida, de dinamismo, movimento, passagem. Paradoxalmente, onde todos caminhavam, Bartimeu estava estacionado, à margem da vida.

Diferente da narrativa de cura do outro cego (8,22-26), o encontro de Jesus e Bartimeu é carregado de detalhes que não devem passar despercebidos. Não por acaso Marcos revela o nome⁴ do cego e sua origem familiar, “Bartimeu, filho de Timeu” (10,46). O cego estava à beira do caminho, mas não era um anônimo. Isso, talvez, indique sua importância no processo de formação dos discípulos. De qualquer forma, era um cego e, de modo geral na literatura bíblica, a cegueira era vista como castigo divino por conta do pecado (Jo 9,2).

Como cego dificilmente lhe restaria outra opção, a não ser a de pedir esmolas. Dessa maneira, estava na mesma classe social dos degradados, impuros e pródigos, dos penderes, das prostitutas, dos pobres trabalhadores diaristas e dos curtidores. As condições de vida das pessoas dessa classe social eram aterrorizantes e suas oportunidades estavam virtualmente reduzidas a zero (Hancoco, 2006, p. 98).

Apesar disso, o cego Bartimeu não se limitou à própria condição, nem perdeu a esperança. Ao ouvir que era Jesus quem passava, percebe aquilo que faltava aos discípulos perceberem, agarra-se à oportunidade e grita por Jesus. A profissão de fé com o título messiânico “Filho de Davi” (10,47) e o pedido de compaixão faz parte do processo de descoberta de quem é Jesus e que tipo de messianismo ele representa.

Além disso, a invocação dirigida a Jesus pelo cego, Filho de Davi, antecipa o tema da entrada em Jerusalém, onde Jesus é acolhido ao grito de exaltação da multidão, que saúda nele a vinda do reino de Davi (Barbaglio; Fabris; Maggioni, 1990, p.

³ A menos que se diga expressamente o contrário, todas as citações bíblicas são tiradas de BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.

⁴ Há quem divirja a respeito do nome de Bartimeu ser nome próprio ou explicitação de sua filiação. A esse respeito, pode-se conferir MARTINS, Francis Natan Gonçalves. A cura do cego de Jericó: uma análise da transformação de Jesus na vida de Bartimeu. *Revista Batista Pioneira*. V. 10, p. 239.

540).

4 JESUS E A CEGUEIRA DOS DISCÍPULOS

Mais do que a cegueira física, a cura de Bartimeu provoca o questionamento a respeito de outro tipo de cegueira. Na parte central de seu evangelho, Marcos apresenta aos leitores três anúncios da paixão (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) que, por sua vez, estão dispostos entre a cura de dois cegos, um em Betsaida e outro em Jericó (8,22-26; 10,46-52). Parece que não por acaso Marcos dispõe dessa forma, sobretudo quando, a cada anúncio da paixão, segue-se uma atitude contrária por parte dos discípulos.

Segundo Brown, na segunda parte do evangelho de Marcos

observa-se uma mudança no paradigma narrativo, pois relativamente poucos atos de poder (milagres) acontecem, como se Jesus reconhecesse que milagres não conduziram seus discípulos ao entendimento (Brown, 2004, p. 219).

Bartimeu “é a última pessoa a ser curada nesse evangelho – e curada da cegueira, característica de vários grupos que se confrontaram com Jesus” (Bortolini, 2003, p. 204).

Enquanto Jesus buscava ensinar aos discípulos, ao longo do caminho, que seu messianismo consistia em doar a vida, estes discutiam a respeito de quem entre eles era o maior (9,34), ou quem ocuparia os lugares de honra à direita ou à esquerda do mestre (10,37). Essa incapacidade de compreender pode ser lida também como sua condição de cegos. Nesse sentido, inserido naquele momento da narrativa, Marcos apresenta Bartimeu como modelo.

Paradoxalmente, é exatamente alguém que não enxerga, quem denuncia a cegueira dos discípulos. “Não pode passar despercebido o fato de o cego chamar Jesus de ‘Mestre’” (Bortolini, 2003, p. 205). Ao exclamar “Rabbuni” (10,51), Bartimeu evidencia quem é o mestre, ao passo que ele próprio se coloca na condição de discípulo. Dito de outra forma, explicita quem ensina e quem precisa abrir os olhos para compreender. “A história do cego de Jericó serve para ilustrar a atitude do verdadeiro discípulo” (Balancin, 2003, p. 132).

Segundo Oliveira, o relato do fracasso dos discípulos no Evangelho de Marcos se trata, na verdade de um “recurso didático, por meio do qual ele pretende transmitir a mensagem de que é possível corrigir os erros ao longo do caminho e voltar a enxergar para seguir Jesus” (Oliveira, 2017, p. 180).

5 O RETORNO AO CAMINHO E A EXPERIÊNCIA DE SEGUIMENTO

Ao reconhecer em Jesus a figura do mestre, Bartimeu assume a condição de discípulo e passa a segui-lo pelo caminho (10,52). Torna-se discípulo, mas não um discípulo qualquer. De acordo com Bortolini,

Marcos o transforma, desse modo, em tipo de discípulo que Jesus procura. Notemos a diferença: os Doze estiveram com Jesus desde o começo (1,16-20; 3,13-19), mas ainda não sabem quem é Jesus, apesar de terem convivido tanto tempo. O cego Bartimeu, sem ter visto, segue Jesus pelo caminho. E nós sabemos o desfecho dessa caminhada pelos três anúncios da paixão (Bortolini, 2003, p. 204).

A construção da narrativa de Marcos a respeito da cura deste cego deixa transparecer que Bartimeu “é o protótipo do seguidor perfeito, que, sem nunca ter visto a Jesus, [...] encontra-se pessoalmente com Cristo, e termina unindo-se à comitiva que sobe a Jerusalém” (Calle, 1984, p. 110). Assumir o caminho de Jerusalém se traduz, seja no contexto de formação dos discípulos ou no contexto dos destinatários da obra marcana, na superação da tentação de poder e no enfrentamento das dificuldades e crises à luz da experiência da fé.

Se a experiência de encontro com Jesus abre os olhos a Bartimeu e o coloca em vias de caminho, ou seja, de discipulado, não se pode passar despercebido sua persistência que também é catequética tanto para os discípulos quanto para a comunidade de Marcos. Não obstante a resistência dos muitos que o repreendiam por seu grito de socorro (10,48), Bartimeu não se deixou vencer ou intimidar. Antes, insiste em gritar até que sua voz se faça ouvir. Sua persistência não passa despercebida a Jesus que, o reintegra à dinâmica do caminho. Nesse sentido, “o milagre resume, num pequeno drama, a mudança radical que se opera naquele que está disposto a seguir

verdadeiramente a Jesus" (Barbaglio; Fabris; Maggioni, 1990, p. 540).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cura de Bartimeu, situada estrategicamente no final da formação dos discípulos a caminho de Jerusalém, é um dos textos chaves para o discernimento e avaliação da experiência de discipulado em nível pessoal e comunitário. Os elementos apresentados na construção narrativa de Marcos denunciam o risco paralisante de um tipo de cegueira que ultrapassa uma condição física. O desejo de poder, a busca por privilégios, a tentação da riqueza material, o medo do sofrimento, entre outros, constituem grande risco de cegar os discípulos, ou seja, impedi-los de compreender o ensinamento de Jesus.

Embora o texto de Marcos responda diretamente a situações concretas de seu tempo, continua a servir como referência para os diversos desafios que os discípulos e discípulas de todos os tempos experimentam no processo de seguimento de Jesus. Nesse sentido, o cego Bartimeu se torna modelo também para os cristãos de hoje.

REFERÊNCIAS

BALANCIN, Euclides Martins. *Como ler o Evangelho de Marcos: Quem é Jesus?*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.

BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos*. São Paulo: Paulus, 2003.

BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CALLE, Francisco de la. *Teologia de Marcos*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

HANCCO, Hilda Turpo. Cegueira e grito – uma linguagem de resistência e de vocação em Marcos 10,46-52. *Revista de Cultura Teológica*. V.14, p. 91-107, 2006. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15093>. Acesso em: 28 ago. 2024.

KONINGS, Johan; GOMES, Rita Maria. *Marcos: o evangelho do reinado de Deus*. São Paulo: Loyola, 2028.

MARTINS, Francis Natan Gonçalves. *A cura do cego de Jericó: uma análise da transformação de Jesus na vida de Bartimeu*. Revista Batista Pioneira. V. 10, p. 239. Disponível em: <https://www.revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/441>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MOSCONI, Luis. *Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos*. 12. Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Eduardo dos Santos. Mulheres: novo arquétipo para o seguimento em Marcos. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. V. 5, p. 175-185, 2017. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/viewFile/813/518>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos*. Petrópolis: Vozes, 2002.